

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Meninas que Sangram e Viram Lua: A Menstrunormatividade da Ginecologia Natural na Literatura Infantojuvenil

Michelle Brugnera Cruz Cechin, Nat´alia de Borba Pugens, Cristianne Maria Famer da Rocha

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8303>

Submetido em: 2024-03-21

Postado em: 2024-04-01 (versão 2)

(AAAA-MM-DD)

Justificativa da versão: Esta nova versão foi submetida para corrigir o nome da segunda co-autora e o sobrenome de Silvia Federici, referência utilizada no artigo.

Meninas que Sangram e Viram Lua: A *Menstrunormatividade* da Ginecologia Natural na Literatura Infantojuvenil

Girls Who Bleed and Turned to the Moon: The Menstrunormativity of Natural Gynecology in Children's Literature

Michelle Brugnera Cruz Cechin¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3276-473X>
mibugnera@gmail.com

Natália de Borba Pugens²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0160-4207>
nataliaborbapugens@gmail.com

Cristianne Maria Famer da Rocha³

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3281-2911>
rcristianne@gmail.com

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), Brasil.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul (RS), Brasil.

Resumo

Neste artigo, perscrutamos os modos como os livros de literatura infantojuvenil sobre Ginecologia Natural produzem discursos sobre a menstruação. Compõem o *corpus* de análise cinco obras publicadas no mercado editorial brasileiro que abordam esse tema. Nos valemos de análises de inspiração foucaultiana sobre os discursos de normalidade e menstruação e em autoras feministas que pesquisam sobre os efeitos do neoliberalismo nos corpos e subjetividades, em especial o conceito de *menstrunormatividade*, introduzido por Josefin Persdotter (2020). Estabelecemos três eixos de análise das obras: os modos como é narrada a menstruação; os discursos sobre o período pré-menstrual e os modos de subjetivação das pessoas que menstruam; e, as práticas de

autocuidado introduzidas pela Ginecologia Natural. Conclui-se que, nas obras analisadas, as transformações de práticas de autocuidado do ciclo menstrual, propostas pela Ginecologia Natural, formam um conjunto de regras (ou normatividades) menstruais auto-opressivas, pautadas na autogestão, mudança de comportamento e produtividade.

Palavras-Chave: menstruação, ginecologia natural, literatura infantojuvenil.

Summary

In this article, we examine the ways in which children's literature books on Natural Gynecology produce discourses about menstruation. The corpus of analysis comprises five works published in the Brazilian publishing market that address this topic. We draw on Foucauldian-inspired analyzes of the discourses of normality and menstruation and feminist authors who research the effects of neoliberalism on bodies and subjectivities, especially the concept of mensturnormativity, introduced by Josefin Persdotter (2020). We established three axes of analysis of the works: the ways in which menstruation is narrated; the discourses about the premenstrual period and the ways of subjectivation of people who menstruate; and, the self-care practices introduced by Natural Gynecology. It is concluded that, in the works analyzed, the transformations of self-care practices for the menstrual cycle, proposed by Natural Gynecology, form a set of self-oppressive menstrual rules (or normativities), based on self-management, behavior change and productivity.

Keywords: menstruation, natural gynecology, children's literature.

Introdução

Conexão do corpo com os ciclos lunares, percepção dos fluidos corporais e das mudanças emocionais, conforme as fases da lua, ressignificação da menstruação por meio de práticas de autocuidado dos povos originários da América Latina são algumas das propostas da Ginecologia Natural (Sala, 2020). Nos últimos anos, foram publicados, no mercado editorial brasileiro, alguns livros destinados a crianças e adolescentes com o tema da Ginecologia Natural, um movimento emergente, em consonância com outras manifestações – como *Ni una a Menos* (Sala, 2020) - que deram ênfase ao aspecto político e social da menstruação, para além dos discursos biomédicos e medicalizantes. Este movimento trouxe ao debate público problemas e vivências das pessoas que

menstruam¹, um tema comumente relacionado ao privado, como geralmente são tratadas as questões pertinentes às pessoas dissidentes.

Apesar de cerca da metade da população mundial menstruar mensalmente, ou ter menstruado em algum momento de suas vidas, este permanece um tema considerado tabu e pouco abordado pelas políticas públicas, sendo alvo de narrativas biomédicas ou religiosas. Livros voltados para crianças e adolescentes que tratam da menstruação com o tema da Ginecologia Natural passaram a ser publicados, primeiramente de forma alternativa e, posteriormente, por editoras reconhecidas no mercado editorial brasileiro. Compreendemos que o interesse do mercado editorial por estes livros está relacionado com a apropriação de temáticas que, tradicionalmente, são consideradas tabu, tais como a desigualdade social, as deficiências, as doenças, a morte, o abuso sexual e a própria menstruação, por exemplo (Colomer, 2003; Silveira & Silveira, 2016).

Teresa Colomer (2003) ao realizar uma extensa análise da literatura infantojuvenil contemporânea, afirma que a partir da década de 1960, o mercado editorial passou a incorporar estes temas em suas publicações para refletir melhor os problemas e a realidade dos leitores, de acordo com as novas atitudes do público, que rompiam com a ideia anterior de que a infância é uma etapa de inocência e pureza, que deveria ser preservada de temas considerados complexos para crianças (Colomer, 2003). Com a disseminação das narrativas da Ginecologia Natural na América Latina (Sala, 2020), obras com o tema passaram a ser editadas ao público brasileiro.

Com o objetivo de perscrutar os modos como os livros de literatura infantojuvenil sobre Ginecologia Natural produzem discursos sobre a menstruação, nos debruçamos sobre cinco obras voltadas para o público infantojuvenil, publicadas entre 2016 a 2021, disponíveis no mercado editorial brasileiro, selecionadas por tratarem da menstruação na perspectiva da Ginecologia Natural: *O Tesouro de Lilith: uma história sobre a sexualidade, o prazer e o ciclo menstrual* (Casanovas, 2016), *A Menina que Virou Lua* (Cardoso, 2019), *A Lua de Alice* (Petrolini, 2020), *A Mamãe Sangra* (Ramos, 2020) e, *Os Segredos de Alice no País das Maravilhas: uma viagem através do corpo feminino, hormônios, menstruação e autoconhecimento* (Fioretti, 2021).

¹ Compreendemos que nem todas as pessoas que menstruam são mulheres e nem todas as mulheres menstruam (Bobel *et al.*, 2020). Assim, para abarcarmos o público que menstrua, utilizamos a expressão “pessoas que menstruam”. Utilizamos os substantivos mulher e menina, bem como adjetivos e artigos femininos, para nos referirmos às personagens dos livros analisados, apresentadas como meninas e mulheres. Utilizamos também o termo “mulher” quando tratamos das análises da autora Silvia Federeci e de Michel Foucault.

Nos valem do neologismo *menstrunormatividade*, proposto por Josefina Persdotter (2020), criado para definir o sistema discursivo que diferencia a menstruação ideal e normal da menstruação anormal e patologizada. Trata-se de um conjunto de definições biomédicas, estatísticas e científicas que definem uma menstruação idealizada, postulam determinados modos de ser, se comportar e vivenciar a menstruação como melhores do que outros. A autora se inspira no conceito de heteronormatividade (Lloyd, 2016; Pelucio, 2009), que supõe a relação heterossexual como o padrão normal, saudável e moralmente superior, categorizando orientações sexuais diferentes como patológicas, anormais e imorais.

Contextualizando a Ginecologia Natural

Práticas ancestrais de autogestão do ciclo menstrual são resgatadas por diferentes movimentos de mulheres nas últimas décadas (Martín, 2020; Sala, 2020; Vomero & Nery, 2023). Na Europa, por exemplo, passaram a ser valorizadas tradições e sabedorias das mulheres curandeiras ou bruxas de diferentes países. Culturas de diversos territórios da América Latina são ressignificados em um diálogo entre tradição e contemporaneidade (Martín, 2020; Sala, 2020; Vomero & Nery, 2023). Tais movimentos tentam ressignificar a menstruação como acontecimento criativo e não apenas reprodutivo, por meio do autoconhecimento, autocuidado e autoexperimentação como modos de se reapropriar de um saber/poder corporal doravante expropriado pela visão colonialista dos corpos femininos (Sala, 2020), resgatando o prazer corporal e estabelecendo um novo conceito de saúde, que integra as práticas do eu com as práticas de cuidado do meio ambiente, em uma relação amorosa e zelosa, além de visar as transformações sociais em relação aos corpos menstruantes.

As práticas de autocuidado da menstruação e visões alternativas dos ciclos menstruais eram difundidos inicialmente por movimentos europeus e norte-americanos, principalmente pelas práticas da *Wicca*² (Cordovil, 2015) e seu intento de resgatar os aspectos femininos primordiais como modo de se conectar com o sagrado. Cultua-se o poder criador e gerador da vida das mulheres e os chamados mistérios do feminino: menarca, gravidez, parto e menopausa.

A Deusa Tríplice (Neumann, 2021; Neumann, 2000), divindade cultuada em diferentes tradições, é resgatada pela *Wicca* e pela Ginecologia Natural, em suas versões

² Religião neopagã, que resgata práticas religiosas europeias anteriores ao cristianismo, como a magia, as divindades femininas e masculinas e como estas se manifestam na natureza, nos ciclos da vida e nas festividades sazonais (Cordovil, 2015).

de donzela, mãe e anciã, intentando resgatar a conexão da mulher com as divindades femininas de diferentes culturas, que viam os corpos das mulheres ligados às características da terra e com os ciclos da natureza. O sangue menstrual é ressignificado em seus tabus de poluição, maldição e visto como um poder gerador, que pode ser ofertado à terra como prática de reconexão com a natureza e com os valores da Deusa (Cordovil, 2015). Destacam-se também os trabalhos de Lara Owen (2008) e seus estudos da menstruação, que resgatam saberes e práticas ancestrais, buscando vivenciar o ciclo menstrual de modo a favorecer o desenvolvimento emocional e espiritual de quem menstrua.

Esta visão da menstruação foi disseminada também por Miranda Gray, em seu trabalho intitulado *Bênção Mundial do Útero* (Gray, 2018, 2019), com o intuito de ver os ciclos femininos como forma de reverenciar e praticar uma espiritualidade matriarcal, por meio de práticas de meditações e visualizações para alinhar as mulheres com as energias femininas universais, com a lua e a terra, e para despertar os quatro arquétipos de energia feminina que, segundo a autora, todas as mulheres possuem (Gray, 2019). Destaca-se também, no contexto europeu, as práticas de devoção à Santa Maria Madalena, em que devotas peregrinam pelos locais em que a Santa supostamente teria vivido no interior da França, após sua fuga de Jerusalém, oferecendo seu sangue menstrual aos locais considerados sagrados (Fedele, 2014). Segundo a autora, esses movimentos visam restabelecer uma visão positiva da Santa e do feminino do cristianismo primitivo, extirpado pela tradição patriarcal da Igreja Católica (Fedele, 2014).

A Ginecologia Natural (Martín, 2020) é apresentada como um movimento de resistência a narrativas sobre o corpo menstruante e as maquinarias de subjetivação das pessoas que menstruam, o projeto *Ginecosofia: Sabedoria Ancestral das Mulheres*, da parteira tradicional chilena Pabla Pérez San Martín (2020), deu origem ao movimento por meio do seu livro *Manual de Introdução à Ginecologia Natural* (Martín, 2020), o qual foi fundamental para o fortalecimento do movimento na América Latina.

Virar Lua: ciclar com a natureza, menstruar, e tornar-se mulher

Nos livros perscrutados, foram identificados distintos modos de narrar a menstruação como acontecimento: uma expressão corporal da conexão do corpo feminino com os ciclos da natureza, como as diferentes fases da lua, ou as mudanças de

estações; assim como a vivência da menarca como rito de passagem das fases de menina para mulher.

A sincronicidade do ciclo menstrual com o ciclo lunar era enfatizado por diversas tradições e culturas, que viam na lua nova o momento da menstruação, em que um novo ciclo lunar iniciava no céu e um novo ciclo de fertilidade se iniciava na terra e no corpo da mulher (Gottlieb, 2020; Sardenberg, 1994; Buckley & Gottlieb, 1988; Delaney et al., 1988). A lua crescente representaria os dias subsequentes à menstruação, em que muitas mulheres se sentem revigoradas e ativas. A lua cheia seria a fertilidade, a ovulação e, por fim, a lua minguante, o período pré-menstrual, em que se vivencia queda da energia e da vitalidade corporal (Delaney et al., 1988).

Enquanto para algumas culturas a menstruação marca um período de transição em duas fases bem diferentes de sua vida, em outras culturas, ao ciclo menstrual, são atribuídos sentidos comunitários, com o estabelecimento de ritos, festividades, ou até sanções e aprisionamentos das mulheres, como em etnias de países africanos, sul-americanos e no Nepal (Buckley & Gottlieb, 1988; Gottlieb, 2020). A diferença entre as práticas de festejar a menarca, ou segregar e castigar, parece estar na atribuição de narrativas de bênção ou maldição da menstruação. Assim, dependendo da cultura, diversas crenças são transmitidas em torno do ciclo menstrual e aos desconfortos físicos que podem causar, acarretando consequências para os corpos e as vidas das pessoas que menstruam (Buckley & Gottlieb, 1988; Gottlieb, 2020).

Uma das obras que inaugurou o tema da Ginecologia Natural no mercado editorial brasileiro de literatura infantojuvenil foi *O Tesouro de Lilith: uma história sobre a sexualidade, o prazer e o ciclo menstrual*, da autora espanhola Carla Trepas Casanovas, publicado em castelhano em 2012, com sua primeira edição em português em 2016. O livro é narrado na terceira pessoa e conta a história de uma árvore que tinha o sonho de viajar, dançar, correr e nadar. Nesta narrativa, a árvore protagonista busca a sabedoria de uma velha árvore sábia, a avó Margarita. Para realizar o sonho da pequena árvore, a avó a transformou em uma menina e lhe chamou Lilith. Seguindo a narrativa, a avó Margarita acolheu a menina em seus galhos e a alimentou com suas folhas. Suas raízes se tornaram pernas, seus ramos se tornaram braços e suas folhas em longos cabelos coloridos. A avó ensinou que os frutos que os pássaros tanto apreciavam cresceriam aos poucos, conforme a menina fosse crescendo. Avó Margarita, em um determinado momento, lhe dá um presente, a flor da vida, que foi plantada em seu ventre e explica à menina que ele a guiará em suas aventuras e, no futuro, lhe permitirá

gerar filhos. A avó, depois disso, aconselha a menina a colocar as mãos em seu ventre e escutar os conselhos da flor da vida, sempre que se sentir em dúvida ou insegura. A menstruação é narrada a partir da metáfora das estações do ano, passando pela primavera, verão, outono e inverno. O ciclo menstrual é representado pela árvore, que é ilustrada como florida na primavera e com as pétalas caindo no outono:

Passaram os anos e a Flor da Vida foi crescendo dentro de Lilith, até que um dia notou as suas pétalas vermelhas deslizavam e fluíram para fora dela. - Já és uma mulher! Disse-lhe a avó Margarita. - Agora podes sentir como cada mês cresce e floresce como fazias antes da Primavera. (Casanovas, 2016, p.22-23)

Neste trecho, a associação entre menstruar e se tornar uma mulher é enfatizado. As autoras (Gottlieb, 2020; Buckley & Gotlieb, 1988; Delaney e al., 1988; Piran, 2020 e Sawo, 2020) mostram que tais discursos sustentam práticas que podem colocar a vida de muitas meninas em risco, pois as chances de sofrerem violência, serem forçadas a casarem precocemente e a gerarem filhos é grande, ao serem consideradas mulheres por menstruarem pela primeira vez. As narrativas autobiográficas de ex-noivas infantis denunciam estas práticas, como as de Sawo (2020), natural do Gâmbia, que escondeu a menarca e seus primeiros ciclos menstruais para fugir de um casamento precoce forçado, até ser descoberta sua menstruação, quando tinha 14 anos, sendo obrigada a se casar e a abandonar os estudos para cumprir com os deveres de esposa e dona de casa. Musu Bakoto Sawo (2020) conseguiu libertar-se da sua condição e lutar pelo direito das meninas a não se casarem precocemente, sendo obrigadas a saírem de seus lares de origem e a abandonarem suas escolas.

Em *A Menina que Virou Lua* (Cardoso, 2019), narrado em terceira pessoa, a protagonista é uma menina que se sente diferente e sente que está mudando. Em um sonho é visitada por uma idosa, “uma avó além dos tempos” (Cardoso, 2019, p.8) que afirma que a sua lua está a caminho e que “seu sangue está vindo para se tornar enfim uma mulher” (Cardoso, 2019, p. 8). A avó lhe promete ensinar uma sabedoria ancestral nunca ensinada, e, no sonho, narra:

-Quando uma menina se torna mulher ela vira Lua, começa a rodopiar entre ciclos, e a cada fase fica de um jeitinho diferente. A menina toca o ventre com as mãos, e com um olhar inocente sorri para a velha e pede para que continue. -Tudo começa com o sangramento, que vem para te mostrar que o seu ciclo acabou de começar. Nestes dias você vai conhecer a Lua Nova, que é como uma semente que ainda não germinou, um inverno frio, ou uma noite escura. (Cardoso, 2019, p. 13-14)

A associação entre a menarca e se tornar mulher é enfatizada diversas vezes nesta história e a menina protagonista afirma que não quer crescer. Essa associação discursiva sustenta práticas culturais de casamentos infantis, violência e risco de vida para muitas meninas, em diversas culturas, como antes indicado. A menarca representa, em muitos países, o sinal de que a menina se tornou mulher e está apta a casar e ter filhos, o que ocasiona a negação do direito à educação, ao serem obrigadas a deixarem a escola para cumprirem papéis sociais de esposa, em seus lares conjugais (Piran, 2020).

A *Lua de Alice* (Petrolini, 2020) conta a história de uma menina de 12 anos que está passando uma temporada na casa da avó, descrita como uma professora aposentada que mora em uma casa aconchegante e possui um jardim florido. Sua primeira menstruação ocorre à noite, enquanto dormia em seu quarto de criança, na casa da avó. As descrições da menstruação, as narrativas e os sentidos dados a esse momento são feitos pela avó:

Sabe, Alice, quase tudo à nossa volta funciona em ciclos. As estações do ano, por exemplo, primavera, verão, outono, inverno, formam um ciclo que se repete. A natureza é um constante ciclo de vida-morte-vida. Os seres vivos nascem, crescem, vivem a plenitude da vida e por fim morrem, voltam à terra, à Mãe-Terra, como alguns dizem, e depois dali brotam outros seres vivos. Alice olhou surpresa e pensou que a avó estivesse ficando confusa. O que aquela história de ciclo de vida-morte-vida tinha a ver com o que acabara de acontecer com ela? (Petrolini, 2020, p. 15-16)

Em outro trecho, a avó explica sobre a menstruação e a ciclicidade da natureza:

A avó continuava olhando ao longe do jardim, como se visualizasse a cena que acabava de descrever. -O termo “menstruação” vem da palavra “mês”, que em latim também significa “lua”. Você já deve ter percebido que a lua tem seu ciclo a cada mês, ou melhor, a cada 28 dias. -Sim, vovó, no calendário aparecem lá as fases da lua, acho que lua nova, lua crescente, lua cheia e lua minguante...-Exatamente, Alice, essas são as fases da lua. E assim também somos nós, mulheres. Nosso corpo e nossa mente passam por ciclo todos os meses. (Petrolini, 2020, p.16-18).

A *Mamãe Sangra* (Ramos, 2020) é o único livro em que o protagonista é um menino. Joaquim mora em uma casa azul com um jardim repleto de flores e plantas, que são cuidados por sua mãe. Um dia, ele observa sua mãe regando as plantas com um líquido vermelho e indaga a ela o que ela está fazendo. A mãe lhe explica que é sangue menstrual e que oferece às plantas do seu jardim por ser muito nutritivo. Ao lhe explicar o que é o sangue menstrual, ela afirma:

- Sim, a mamãe sangra todo mês. - Por quê? - Porque todo mês o corpo da mamãe constrói uma casinha com sangue pra um bebê morar dentro e quando ele não vem, o sangue sai. -Igual quando eu morava dentro da sua barriga? -Sim, igual quando você morava na minha barriga. O sangue era

o que te alimentava, tudo que de melhor a mamãe comia ia para você a partir dele. Esse sangue é muito nutritivo. Joaquim ficou imaginando como era sua vida dentro da mamãe, ele até conseguia lembrar da sensação gostosa que era lá dentro. (Ramos, 2020, p. 9-11)

Nesta obra, a menstruação é associada à maternidade, à gestação. Contudo, ao contrário dos discursos usuais de que este sangue representaria o bebê não gestado, ele enfatiza a alimentação, dá ao sangue um valor positivo, ao afirmar que ele é muito nutritivo. Ao apresentar um menino e sua mãe lhe ensinando sobre menstruação, este livro inova ao tratar da educação menstrual para um público geralmente negligenciado neste assunto: meninos e homens. O tabu de ocultamento da menstruação está associado a crenças de vergonha e maldição, que deve ser escondida (Erchull, 2020). A menstruação geralmente é narrada como um processo natural e normal, mas que deve ser mantido em segredo e gerado no âmbito privado (Persdotter, 2020). Essas narrativas ambivalentes marcam a educação menstrual de crianças e adolescentes, refletindo nas relações de gênero (Erchull, 2020).

Geralmente, as meninas recebem poucas informações sobre a menstruação, relacionadas apenas à Biologia, sendo a educação menstrual relegada ao privado (Erchull, 2020). Os meninos parecem receber menos informações ainda sobre a menstruação, principalmente em contextos de educação informal, que são realizados especialmente por mães, irmãs e colegas às meninas (Erchull, 2020). David Linton (2019) descreve que, para muitos homens, a menstruação surge como um tema misterioso ou como um incidente inesperado que os deixou sem saber como agir. A falta de educação menstrual que os meninos recebem gera efeitos de desinformação e perplexidade diante do evento menstrual (Linton, 2019). Muitos não apresentam compreensão do que é a menstruação, como se dá seu processo e apresentam indiferença em relação à menstruação, apesar de conviverem com pessoas que menstruam.

A falta de conhecimento e a cultura de ocultamento geram crenças e atitudes negativas sobre a menstruação. A *menstrunormatividade* (Persdotter, 2020) privilegia os corpos que não menstruam, principalmente os de homens, reforçando os discursos patriarcais. Para alguns meninos a menstruação passa a ser um dos principais argumentos dos jovens para afirmar a inferioridade feminina (Erchull, 2020), pois as pessoas que menstruam são marcadas como desviantes, aquelas que não tem constância, oscilam de comportamento, humor e que, no período pré-menstrual, se mostram descontroladas e histéricas. Por serem inconstantes, não são confiáveis, seguras e

previsíveis. Sua produtividade decai, sendo menos competitivas e ineficientes, o que as colocariam em posição inferior aos saudáveis, constantes, eficientes e competitivos homens que não menstruam. Menstruar torna-se, pela *menstrunormatividade*, um acontecimento anormal, que marca os corpos que menstruam em menos produtivos e doentes (Persdotter, 2020).

Meninos tendem a se sentir desconfortáveis com o tema e a associá-lo à debilidade e à dor, enquanto os sintomas pré-menstruais são vistos como uma desculpa das meninas para não realizarem o que lhes é esperado, como estudar para provas, apresentar bom desempenho esportivo ou se esquivar de realizar atividades domésticas (Linton, 2019). Para Erchull (2020), não há uma preocupação com a educação menstrual dos meninos, pois não se espera que eles lidem com este tema. O livro *A Mamãe Sangra*, de certo modo, rompe com estes discursos trazendo, em uma narrativa afetiva, a educação menstrual de um menino, ao vivenciar a relação positiva de sua mãe com a menstruação, e como esta possibilitou o seu nascimento.

Em *Os Segredos de Alice no País das Maravilhas: uma viagem através do corpo feminino, hormônios, menstruação e autoconhecimento*, Bia Fioretti (2021) faz uma alegoria entre a menarca e a obra *Alice no País das Maravilhas* (Carroll, 2002). O “país das maravilhas” é a menarca e Alice é a menina que a vivencia, o ovo *Humpty Dumpty* é o óvulo, o *Chapeleiro Maluco* é o ciclo menstrual e a *Rainha de Copas* o período pré-menstrual. Nesta obra, a menarca é narrada como um ritual de passagem, que marca transformações para a menina e a possibilita sentir os ciclos no próprio corpo:

Ao se deixar fluir, Alice encontrou um novo mundo que, nesta história, representa um novo momento na sua vida: a menarca ou a primeira menstruação. Essa é a maior mudança na vida do corpo feminino! A menarca é sempre uma surpresa. Marca uma etapa importante da puberdade, um processo de transição e mudanças do corpo. Um ritual de passagem lembrado pela vida toda. Para algumas pessoas, a primeira menstruação é uma festa, enquanto outras podem ficar assustadas ou preocupadas pelo fim de uma fase. Pode ser que tenha sido pega de surpresa ou que você estivesse ansiosa por este momento. Quando conseguimos entender o que acontece no nosso corpo e no nosso emocional, isso nos ajuda a aproveitar os benefícios dos ciclos femininos. Acredite, podemos nos fortalecer muito com a energia que circula em nossos ciclos. Como foi para você menstruar pela primeira vez? (Fioretti, 2021, p. 54-57)

A lua e sua sincronicidade com o ciclo menstrual é narrada pela alegoria do personagem Gato de *Alice no País das Maravilhas*:

A imagem do gato risonho está associada aos mistérios da lua, que exerce uma grande influência na terra e seus habitantes. A lua influencia o plantio da semente e o volume das águas do planeta. Você sabia que as marés sobem e descem duas vezes por dia e que, dependendo da lua, podem

variar mais de dois metros? Outra curiosidade é que a luz da lua cheia é cerca de quinze vezes mais potente que a das outras fases e que essa claridade pode, inclusive, influenciar os hormônios de todos os seres vivos. Nos seres humanos, os efeitos das fases da lua podem estar relacionados com o comportamento das pessoas, o humor, o crescimento dos cabelos e das unhas, o inchaço do corpo, o nascimento dos bebês e, também, os ciclos femininos. (Fioretti, 2021, p. 182)

Nesta última obra, não é estabelecida a associação entre a menarca e o tornar-se mulher. A primeira menstruação é narrada como um evento transformador, sinal de que o corpo está crescendo. A obra enfatiza também que pode ser um evento prazeroso ou incômodo. A menstruação não é apenas um evento biológico, é um acontecimento cujo sentido se dá pelas narrativas e vivências sociais e culturais que envolvem a pessoa que menstrua, seu grupo social e os significados atribuídos a este evento, que desencadeiam determinados papéis sociais às meninas, mulheres e pessoas trans (Buckley & Gottlieb, 1988; Gottlieb, 2020).

Virar Bruxa, Feiticeira ou Rainha Má: as anormais que sangram

O período pré-menstrual e a tensão pré-menstrual são descritas de diferentes modos e com diferentes metáforas e são, geralmente, associadas às bruxas, feiticeiras ou rainhas más. As bruxas estão associadas às mulheres insubmissas do século XIV, que sofreram inúmeras violências por desafiarem os discursos hegemônicos da época e ousaram viver de modo dissidente (Zordan, 2005). A perseguição às mulheres consideradas bruxas derivou de um imaginário e narrativas que desumanizavam e bestializavam determinados modos de ser mulher, considerados menos puros, normais e corretos. A desobediência feminina foi punida violentamente, marcando os corpos das mulheres por castigos e por narrativas que as associavam à rebelião, à irracionalidade e à maldade (Federici, 2019b; Zordan, 2005). Não é por acaso que as figuras da bruxa e da feiticeira são comumente associadas aos “sintomas” pré-menstruais e a figura da mulher desviante, histérica e irracional, das descrições médicas, encontra na narrativa da bruxa a sua materialização.

Segundo a pesquisadora Sally King (2020), os sintomas pré-menstruais foram descritos pela primeira vez em 1931, influenciados pelo “mito da mulher irracional”, a ideia de que a constituição biológica feminina causaria patologias emocionais, reduzindo a capacidade de as mulheres raciocinarem, sendo então, propensas ao descontrole emocional e ao comportamento impulsivo. O conceito de “histeria”, de Sydenham (King, 2020), derivou de conceitos filosóficos anteriores, como de Platão, Aristóteles e São Tomás de Aquino (Foucault, 2020; Hu, 2022; Newman, 2000), de que

as mulheres seriam física, intelectual e espiritualmente inferiores aos homens, devido à natureza patológica do seu corpo (Foucault, 2020). Posteriormente, a causa da irracionalidade feminina seria decorrente do hormônio estrogênio, que provocaria “ataques emocionais nas mulheres”. Atualmente, as descrições da tensão pré-menstrual têm enfoque predominantemente psicológico, arraigados ao imaginário da mulher descontrolada, desviante, desobediente, perigosa, rebelde, indisciplinada e emocionalmente instável (Persdotter, 2020). Jane Ussher e Janette Perz (2020) associam os sintomas da tensão pré-menstrual ao restrito apoio social, desigualdade na partilha de responsabilidades e sobrecarga de trabalho.

O imaginário do feminino monstruoso coloca algumas subjetividades como desviantes da norma menstrual e um conjunto de regras, prescrições e descrições indicam como ser deve ser o ato de menstruar normal, ideal, correto e bom, enquanto outros são considerados insalubres, repugnantes e anormais. Os desviantes das normas consideradas corretas ou saudáveis são bestializados e anormais, como no caso das narrativas da tensão pré-menstrual, em que as mulheres são descritas como monstros, bruxas, rainhas más e outros seres abjetos e indesejáveis. É um sistema social hegemônico de normatividades múltiplas e contraditórias que ordenam e estratificam a menstruação. É a multiplicidade de normas, discursos, e imperativos biomédicos e estatísticos entrelaçados que constroem certas formas de entender e vivenciar a menstruação como ideal, correta, saudável, normal e moralmente superior em detrimento de outras, consideradas erradas, doentias, anormais ou monstruosas (Persdotter, 2020).

Em *O Tesouro de Lilith: uma história sobre a sexualidade, o prazer e o ciclo menstrual*, a árvore avó Margarita ilustra uma estação diferente em cada fase do ciclo e, em conjunto com Lilith, transmitem “a essência de cada fase” (Casanovas, 2016, p. 45). Seguem-se ilustrações da árvore avó em tons marrons, com folhas caindo e escondendo a menina Lilith, fazendo referência à época do outono. Em seguida, na ilustração do inverno, a árvore não possui folhas e a menina encontra-se no interior do tronco da Avó Margarita, parecendo representar o recolhimento da natureza no inverno: “Envelhece e é como se chegasse o outono. -E parece que morre como no inverno, para renascer com força e beleza na próxima primavera” (Casanovas, 2016, p.28-30).

O nome da personagem, Lilith, faz alusão à Deusa Lilith, cultuada na Mesopotâmia e Babilônia, mencionada na *Epopéia de Gilgamesh* (Koltuv, 2017; Laraia, 1997; Sicuteri, 1985 e Zordan, 2005), figura do folclore judaico, que teria sido a

primeira esposa de Adão, criada à imagem Deus, assim como o primeiro homem, no primeiro capítulo do livro de Gênesis, da Bíblia, e que se rebelou contra seu patriarca e esposo, negando-se a se subjugar ao poder masculino, fugindo do Jardim do Éden (Koltuv, 2017; Laraia, 1997; Sicuteri, 1985 e Zordan, 2005). A escolha pelo nome desta personagem indica, de certo modo, uma contraposição à narrativa tradicional do livro de Gênesis e de determinadas interpretações deste texto, que veem a menstruação como uma maldição lançada por Deus sobre Eva (Cohen, 2020; Gotlieb, 2020; Delaney et al., 1988 e Strömquist, 2019).

Michel Foucault (2020), ao analisar textos teológicos do cristianismo e do judaísmo, mostra o quanto os discursos de impureza da menstruação foram usados para defender a inferioridade da natureza das mulheres; as prescrições ascéticas de controle da sexualidade das mulheres, como a preservação da virgindade; a prática sexual apenas para fins procriativos; e, a contrição durante o período menstrual para não “contaminar” o homem. A menstruação seria a evidência imanente da inferioridade da natureza da mulher, sua impureza, sua proximidade aos animais e a bestialidade do seu corpo. Cabe à mulher, por meio de práticas ascéticas, controlar sua sexualidade, travar uma luta contra a sua natureza bestializada, buscando sua salvação pelos cuidados tidos como purificadores do desejo (Foucault, 2020).

Em *A Menina que Virou Lua* (Cardoso, 2019), a metáfora das fases da lua e das estações do ano é retomada com menção à lua minguante e ao outono, em alusão ao período pré-menstrual. A feiticeira, figura retratada como bruxa - com dentes de vampiro, longas tranças mexendo um caldeirão e com seios nus - é assim apresentada:

Por último, vem a Lua Minguante, como o outono depois do verão, como a flor que deixa cair as suas pétalas secas ao chão, como o entardecer depois de um lindo dia de sol. Dizem por aí que ela é poderosa como uma feiticeira, que por ser discreta e introspectiva, sempre foi muito julgada. Mesmo com seu lindo coração ela tem uma beleza por poucos notada, mas não se importa com a opinião dos outros. É a alquimista, aquela que já viu de tudo um pouco, e entende como ninguém sobre magia e os encantos da vida. (Cardoso, 2019, p. 20)

Bruxas, avós e feiticeiras são as representações usuais da mulher em idade de climatério, uma fase tão estereotipada pelos discursos médicos e midiáticos, que mostram a mulher como histérica, descontrolada, dominada por hormônios. A mulher bestializada e anormal (Foucault, 2020), é descrita pelos manuais de saúde menstrual de maneira distinta daquelas descritas nas obras aqui analisadas, que apresentam o climatério como algo tão “natural” como o outono e o inverno, ou poderoso como uma feiticeira.

Em *A Lua de Alice*, a tensão pré-menstrual é chamada de “tempo para mim”, expressão que a autora aprendeu em suas vivências em círculos de mulheres. Assim ela narra:

-Sabe, prefiro chamar de “Tempo para mim”. É que a fase pré-menstrual é um período em que nossa energia vai se voltando para dentro, para nosso mundo interno. Até a energia do nosso corpo costuma diminuir, vindo certo cansaço, maior necessidade de sono. Vamos perceber uma necessidade de desacelerar um pouco a rotina, um desejo de ficar quietinhas. Nossas emoções estão à flor da pele, é um bom momento para refletir, usar a intuição e a criatividade de forma diferente nesse momento de seu ciclo menstrual (Petrolini, 2020, p.40).

Em *A Mamãe Sangra*, a tensão pré-menstrual não é representada. O silêncio ou o ocultamento também nos informa sobre a (falta de) representação desse aspecto da menstruação nesta narrativa. A supressão deste período, descrito muitas vezes como tenso, seria por que as mães não podem vivenciar esta tensão e, talvez, transformar-se em bruxas e feiticeiras? Aparentemente, viver a tensão pré-menstrual – como bruxas ou feiticeiras - precisa ser invisibilizado, por ser antagônico aos papéis sociais exigidos na maternagem. Cuidado, docilidade, amparo, carinho e gestos delicados parecem ser associados aos comportamentos maternos, ao amor esperado que as mães devem demonstrar por seus filhos e filhas (Marcello, 2005), em contraposição à figura assustadora das bruxas, feiticeiras, madrastas e rainhas más, associadas ao desprezo, opressão e violência contra crianças (Federici, 2019 a; 2019b).

Os Segredos de Alice no País das Maravilhas usa a personagem Rainha de Copas como alegoria para a tensão pré-menstrual da seguinte maneira:

Rainha de copas, a rainha tirana do mundo subterrâneo, tem uma enorme cabeça, é impaciente e vive irritada. Costuma pedir a decapitação imediata dos seus súditos rebeldes; ela governa seu povo pelo medo. Dizem que “a Rainha tem problemas emocionais”. Ela perde a pose com facilidade, é mimada, quer atenção, e seus chiquetes são iguais aos de uma criança. Alice vai enfrentar a Rainha de Copas, que o tempo todo ordena: cortem-lhe a cabeça! (Fioretti, 2021, p. 179)

Em outro trecho, ela é descrita da seguinte maneira:

A Rainha de Copas quer um jardim apenas de rosas vermelhas porque elas são associadas ao ciclo da menstruação e ao movimento de encher e esvaziar do endométrio. A energia acumulada, durante todo o mês, na preparação dos ciclos da ovulação e da menstruação, está nervosa para despetalar e sair. A Rainha de Copas representa a TPM (Tensão Pré Mensrual). Sintomas físicos (como sentir o corpo inchado, a cabeça grande, dor de cabeça, câibras, fadiga) e emocionais (como uma raiva inexplicável que se alterna com melancolia) estão associados ao período pré-menstrual. (Fioretti, 2021, p. 182)

Reconhecer a própria bruxa interior ou a face oculta da Deusa Tríplice, é uma das propostas da Ginecologia Natural. Acolher a bruxa que supostamente habita o ciclo menstrual seria um modo de autoconhecimento, na medida em que a pessoa que menstrua passa a ter consciência dos aspectos subjetivos que poderão ser reelaborados e libertados pelas práticas da Ginecologia Natural (Martín, 2020).

Plantar o Sangue, preencher mandalas e descansar: contrapontos à impureza

Dentre os cuidados recomendados pela Ginecologia Natural, estão as práticas de recolhimento, autocuidado e escrita de si; o preenchimento da mandala lunar (um diagrama circular que sincroniza o ciclo menstrual pessoal com as fases da lua); o plantio da lua (prática de oferecer o sangue misturado com água para a terra); o uso de plantas medicinais para amenizar incômodos advindos da menstruação; e, a supressão do uso de hormônios.

Em *O Tesouro de Lilith*, estas recomendações são explícitas e indicam uma maneira de transformar a visão da menstruação, tida como uma limitação pela cultura hegemônica. Esta obra procura retratar o tensionamento que há entre o recolhimento e os modos contemporâneos de manter uma performance produtiva:

Muitas mulheres sentem mal-estar e desconforto durante dias prévios à menstruação e durante a mesma, habitualmente devido a uma luta por evitar submergir-nos nas fases de recolhimento porque nos foi ensinado que o desejável é manter-se estável numa fase eternamente ovulatória. Quando entendes a tua natureza cíclica e cooperas com o teu ciclo, os sintomas pré-menstruais e menstruais diminuem extraordinariamente e convertem-se em aspectos positivos de ti mesma. Estuda o teu ciclo e presta atenção a como necessitas que te tratem durante cada fase. Explica o funcionamento do ciclo à tua família e ensina as pessoas à tua volta para que te acompanhem o melhor possível. Se tu conheces e respeitas as tuas necessidades, elas também o farão. (Casanovas, 2016, p. 44)

Nesse trecho, cabe à menina explicar para as pessoas as suas necessidades e há a recomendação de respeitar a si mesma, para ensinar aos demais a respeitá-la. Em *A Menina que Virou Lua*, recomenda-se a reclusão, o descanso, o tempo para si, com a orientação de que a menstruação não seja usada como desculpa para não cumprir seus deveres ou obrigações:

A primeira coisa que você deve se lembrar é que, quando a sua Lua chegar, você precisa descansar mais, dormir, se recolher, buscar ficar mais quietinha e em silêncio, como aquela Lua Nova que eu te contei, lembra? Sim, lembro! Mas no mundo em que eu vivo, dizem que eu preciso ir à escola! Lá de onde você vem é diferente? - Em algumas tradições antigas as mulheres ficavam livres de toda e qualquer obrigação quando estavam menstruadas. Elas tiravam esse tempo só para

si mesmas. Isso não quer dizer que você vai usar este argumento como desculpas para não fazer o que for necessário, né? - A menina deu aquele sorriso amarelo como quem já tivesse um plano inteiro na cabeça. (Cardoso, 2019, p. 20)

Seguem-se recomendações de desenhar, escrever, anotar para conhecer o ciclo menstrual, incentivando o autoconhecimento e argumentando que “o sangue pode limpar seu mundo de dentro, levando com ele as tristezas, os medos, rancores, tudo aquilo que você não necessita mais” (Cardoso, 2019, p. 23). Em seguida, são feitas recomendações para seguir a intuição, ser grata pelo ciclo e “dar ao corpo aquilo que ele pede” (Cardoso, 2019, p.25). A menina protagonista da narrativa é representada escrevendo em um livro, no interior de uma cabana vermelha, seguida de uma ilustração de outra menina deitada no chão, chorando, coberta por folhas e serpentes. A prática de reclusão imposta às meninas, após a menarca, era praticada por muitas culturas, como em etnias africanas e asiáticas (Lama & Chuemchit, 2022; Buckley & Gotlieb, 1988; Delaney et al., 1988). Nestas culturas, as meninas eram comumente separadas de suas comunidades, após a primeira menstruação, por dias ou anos. Durante a reclusão, eram visitadas e alimentadas por mulheres mais velhas, como se fosse um encontro com as feiticeiras e anciãs (Gottlieb, 2020; Sardenberg, 1994; Buckley & Gotlieb, 1988; Delaney, et al., 1988).

As práticas de ascese e cuidado de si, unindo o autocuidado ao autoconhecimento criam um *ethos*, uma estética da existência, a partir do ciclo menstrual:

Eles foram para o jardim com o potinho de sangue da mamãe nas mãos. Joaquim estava ansioso, não sabia muito bem o que fazer com aquilo. -As plantas gostam deste sangue, filho, elas ficam fortes assim como você ficou quando estava aqui dentro. Quer colocar o sangue na plantinha comigo? O menino adorou a ideia e regou as ervas da mamãe com o sangue que agora já lhe parecia muito familiar. Essas plantas são as preferidas da mamãe, ela cuida delas com muito carinho'. Na mesma hora ele percebeu as folhas das plantas crescendo, ficando mais verdes, brilhantes e felizes. (Ramos, 2020, p. 14-15)

“Plantar a lua” ou oferecer o sangue menstrual para a terra se tornou uma prática recomendada pela Ginecologia Natural como modo de vivenciar o corpo que menstrua, unido à terra, às plantas e ao cosmos, em conexão com as fases lunares. Uma prática de espiritualidade para alguns grupos e um dos modos de cuidado de si, na tessitura da estética menstrual. Para Foucault (2004), o cuidado de si pressupõe uma postura ética e política ativa, é uma possibilidade de contraposição e resistência às tecnologias de controle dos corpos. Cuidado de si é uma prática ascética que tece uma estética da

existência, com o intuito de tornar a vida uma obra de arte. Assim, as práticas de si são conduzidas por um *ethos*, por ideais e valores, que moldam a vida para uma estética do viver (Foucault, 2004). O cuidado de si, por meio das práticas da Ginecologia Natural, parece tornar-se ferramenta de enfrentamento a discursos biomédicos de gestão da menstruação, na medida em que propõem um modo de viver e, uma estética da existência para a vivencia do ciclo menstrual.

Em *A Lua de Alice*, a avó segue explicando para a neta que em tempos remotos as mulheres cuidavam uma das outras, menstruavam juntas e eram reclusas em tendas vermelhas. Não se sentiam excluídas, pois partilhavam experiências, contavam histórias, dedicavam-se a expressões artísticas, estavam livres de todas as obrigações da comunidade e as meninas “podiam amadurecer em equilíbrio com a natureza” (Petrolini, 2020, p.18). Com a modernidade, segue a avó explicando, tudo isso mudou e os saberes ancestrais de cuidado em comunidade no período da menstruação foram esquecidos:

-Sabe, Alice, em algum momento do passado, tudo o que era sagrado e valorizado no Feminino foi sendo distorcido, passando a ser visto como um pecado ou algo sujo. As mulheres foram se distanciando dos saberes do próprio corpo. A menstruação passou a ser vista com repulsa ou, no mínimo, como uma desvantagem das mulheres. Hoje, muitas vão ao médico e pedem remédios, hormônios para não menstruarem. Elas não querem que seus corpos as lembrem todos os meses de que são cíclicas, de que funcionam de acordo com um ciclo. As mulheres passaram a viver seu período menstrual com irritação e incômodo e a transmitir essa repulsa a suas filhas, ignorando a poderosa natureza feminina que têm dentro de si. (Petrolini, 2020, p.21)

Nesse trecho, a avó parece culpabilizar as mulheres pela supressão da menstruação, como uma desconexão, ignorância ou negação da “natureza cíclica feminina” (p. 21). Daniela Manica (2011) perscruta a posição de alguns médicos de que a menstruação seria obsoleta e inútil para a mulher moderna. Na visão destes profissionais, a quantidade de períodos menstruais para as mulheres na contemporaneidade seriam excessivos e desnecessários, visto que o número de gestações e o período de amamentação reduziu drasticamente nas últimas décadas. O excesso de ciclos menstruais aumentaria o risco de sintomas pré-menstruais, menstruais e do desenvolvimento de doenças, problemas que poderiam ser superados pelo uso contínuo de contraceptivos hormonais. Manica (2011) afirma que, com o desenvolvimento dos contraceptivos hormonais, além do controle da fertilidade, houve o controle da menstruação. A partir da década de 1990, uma nova geração de contraceptivos hormonais foi desenvolvida e ofertada com a promessa da supressão da

menstruação como algo positivo e benéfico para a saúde. O discurso médico passou, então, a valorizar a supressão hormonal da menstruação, desnaturalizando-a e, em alguns casos, tornando-a patológica.

Unida a estes discursos médicos, as mídias propagaram os ideais da mulher livre da menstruação e, por consequência, com o controle da sua fertilidade, permitindo-lhe maior investimento na vida profissional e participação no mercado de trabalho. Suprimir a menstruação passou a ser a marca da mulher moderna (Manica, 2011).

Silvia Federeci (2019c) nos elucida que as práticas para manter a saúde do corpo das mulheres no século XX precisaram avançar para que se mantivessem cada vez mais disponíveis e produtivas ao mercado de trabalho. Assim, a menstruação precisou ser regulada, higienizada e medicalizada, com o intuito de permitir a inclusão das mulheres nos meios de produção, nas fábricas ou, mais recentemente, na criação de conteúdo para as redes sociais.

Em *Os Segredos de Alice no País das Maravilhas*, o autoconhecimento é incentivado por meio da observação do ciclo menstrual. É apresentada a Mandala do Ciclo de Alice, em que as meninas são incentivadas a preencherem observações em um gráfico circular sobre as percepções das mudanças físicas e emocionais que vivenciam no ciclo menstrual. A Mandala Lunar, como um modo de mapear o ciclo menstrual em sincronicidade com as fases lunares, incentiva a escrita de si e a percepção das mudanças físicas, emocionais e espirituais, conforme os ritmos da natureza e é também uma das práticas da Ginecologia Natural. O autoconhecimento se torna o alicerce da estética da existência menstrual, a base para o autocuidado e o estabelecimento de práticas de cuidado de si, não apenas com a intenção de normalizar a menstruação em conformidade com as prescrições biomédicas, mas um modo de existir, a partir da relação entre o ciclo menstrual e os ritmos da natureza. Há o incentivo para que cada menina, mulher ou pessoa trans conheça o seu ciclo e, a partir desse autoconhecimento, estabeleça modos de autocuidado próprios. O próprio verbo “ciclar”, tão utilizado pela Ginecologia Natural, parece romper com a lógica dominante da menstruação como um acontecimento desviante, promovendo novos modos de existir e perceber o ciclo menstrual.

Através da Ginecologia Natural, ensina-se que menstruar é algo natural, que conecta a pessoa que menstrua aos ciclos lunares e às quatro estações. Afinal, a menstruação é capaz de reconectar as pessoas que menstruam com sua “essência natural feminina” (Gray, 2017; 2019). É normal menstruar, mas a pessoa que menstrua

deve que fazer o possível para reconectar-se a esta natureza, assumindo a tarefa de controlar o corpo que menstrua e supostamente reconectá-lo à sua essência natural esquecida (Persdotter, 2020). A pessoa que menstrua deve preencher mandalas, observar as fases da lua, anotar em um diário as mudanças físicas e emocionais, armazenar o sangue menstrual para oferecê-lo às plantas, descansar, ingerir chás e outros cuidados nos dias da menstruação. Por outro lado, é preciso considera que o autocuidado capaz de restabelecer “a essência feminina natural” (Gray, 2017; 2019), poderá tornar-se, para algumas meninas e mulheres, uma tarefa peserosa e auto opressiva, distante da realidade de muitas pessoas que menstruam.

Considerações finais

O autocuidado e a autovigilância do ciclo menstrual, em conexão com a natureza e com a “essência feminina”, propostos pela Ginecologia Natural, buscam fortalecer a experiência de menstruar e, em alguns trechos das obras analisadas, permitem romper com os discursos biomédicos e medicalizantes da experiência menstrual, apresentando aspectos culturais de resgate de saberes ancestrais de diferentes culturas. No entanto, prevalecem as exigências às pessoas que menstruam para que se mantenham adequadas a discursos prescritivos de autocontrole, que se configuram em mais um conjunto de *menstrunormatividades* ou de auto-opressão.

Os discursos – sejam eles a favor ou não da menstruação - estratificam a vida, posicionando algumas pessoas e seus corpos como não naturais e abjetos em relação aos normais (Persdotter, 2020). A mulher no período pré-menstrual, em algumas culturas e sociedades, ainda é vista como o outro desviante, um ser abjeto, doente ou deficiente. A tensão, os modos de expressar as emoções e o comportamento são classificados como loucura interior, histeria, doença, necessitando de controle, isolamento e disciplinamento. O sujeito feminino monstruoso - ou “menstruoso” (aquele monstro que menstrua) – ainda é associado aos discursos hegemônicos da mulher louca, descontrolada, histérica (Persdotter, 2020). Os monstros menstruais seriam dispositivos para a normatização da menstruação, por meio de uma série de tecnologias do eu, criadas e disseminadas, através de aparatos pedagógicos e estratégias de cuidado de si. Essas estratégias (ou técnicas de si) englobam autovigilância, autoavaliação, confissão, escrita de si ou autonarração, que produzem efeitos na constituição das subjetividades. À face materna da Deusa Tríplica, apresentada principalmente na obra *A Mamãe*

Sangra, não é permitida a vivência das características da feiticeira e da bruxa, associadas à tensão pré-menstrual.

Por tudo o quanto aqui analisado e demonstrado, através do exame dos modos como os livros de literatura infantojuvenil sobre Ginecologia Natural produzem discursos sobre a menstruação, é possível afirmar que manter a performance de reconexão da “essência feminina” aos ciclos da natureza parece ser uma nova exigência às pessoas que menstruam.

Referências

- Buckley, T. & Gotlieb, A. (1988). **Blood Magic: The Anthropology of Menstruation**. California: University of California Press.
- Cardoso, M. (2019). **A Menina que Virou Lua**. Belo Horizonte: Letramento.
- Carrol, L. (2002). *Alice: edição comentada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 303 p.
- Casanovas, C. T. (2016). **O Tesouro de Lilith: uma história sobre a sexualidade, o prazer e o ciclo menstrual**. Edição da autora.
- Cohen, L. (2020). Menstruation and Religion: Developing a Critical Menstrual Studies Approach. In: BOBEL, Cris et al. *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 11, 115-129.
https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK565592/pdf/Bookshelf_NBK565592.pdf.
- Colomer, T. (2003). **A Formação do Leitor Literário**. São Paulo: Global.
- Cordovil, D. (2015). O Poder Feminino nas Práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres”. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, 23 (352), 419-431.
<https://www.scielo.br/j/ref/a/JCjGDfx7mzzQVF366rdhFVG/?format=pdf&lang=pt>.
- Delaney, J. et al. (1988). **The Curse: a cultural history of menstruation**. University of Illinois: Press.
- Erchull, M. J. (2020). “You Will Find Out When the Time Is Right”: Boys, Men, and Menstruation. In: BOBEL, Cris et al. *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 395-407. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK565640/>
- Fedele, A. (2014). Reversing Eve’s curse: Mary Magdalene Pilgrims and the creative ritualization of menstruation. *Journal of Ritual Studies*. 28 (2), 23-35.
<https://www.jstor.org/stable/44368903>

Federeci, S. (2019a). **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpos e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante.

Federeci, S. (2019b). **Mulheres e Caça às Bruxas**: Idade Média aos dias atuais. São Paulo: Boitempo.

Federeci, S. (2019c). **O Ponto Zero da Revolução**: mulheres, corpos e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante.

Fioretti, B. (2021). **Os Segredos de Alice no País das Maravilhas**: uma viagem através do corpo feminino – hormônios, menstruação e autoconhecimento. São Paulo: Editora Senac.

Foucault, M. (2004). **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (2020). **História da sexualidade IV**: as confissões da carne. Rio de Janeiro: Graal.

Foucault, M. (2010). **Os anormais**. São Paulo: Edições Loyola.

Gottlieb, A. (2020). Menstrual Taboos: Moving Beyond the Curse. In: BOBEL, Cris et al. *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 142-162.

Gray, M. (2019). **O despertar da energia feminina**: O caminho da Bênção Mundial do Útero de volta à natureza autêntica da mulher. Cruz Alta: Editora Gaya.

Gray, M. (2018). **Lua Vermelha**: As Energias Criativas do Ciclo Menstrual como Fonte de Empoderamento Sexual, Espiritual e Emocional. Editora Pensamento.

Hu, X. (2022) Aristotle's Theory of Seed: seeking a unified account. *Unisinos Journal of Philosophy*. 23(1), 1-9. <https://www.scielo.br/j/fun/a/YyC9y4P5YTTmkZLxxHbjPRH/>

King, S. (2020). Premenstrual Syndrome (PMS) and the Myth of the Irrational Female. In: BOBEL, Cris et al. *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York. 201-214. https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-981-15-0614-7_23

Koltuv, B. B. (2017). **O livro de Lilith**. São Paulo: Cultrix.

Lama, S. & Chumchit, M. (2022). Women's experiences of menstrual exile (Chaupadi) and its impact on health in Nepal. *International Public Health Journal*. 14 (2), 131-140.

<https://novapublishers.com/shop/womens-experiences-of-menstrual-exile-chaupadi-and-its-impact-on-health-in-nepal/>

- Laraia, R. de B. (1997). Jardim do Éden Revisitado. *Revista de Antropologia*. 40 (1).
- Linton, David. (2019). **Men and Menstruation: A Social Transaction**. New York, NY: Peter Lang.
- Manica, D. T. (2011). A Desnaturalização da Menstruação: hormônios contraceptivos e tecnociência. *Revista Horizontes Antropológicos*, 17 (35), 197-226.
<https://www.scielo.br/j/ha/a/JmbLfsQCv9H8SrXvvhjw84t/>.
- Marcello, F. de A. (2005). Dispositivo da Maternidade: mídia e a produção pedagógica de sujeitos, práticas e normas. *Educação em Revista*, 26.
<https://www.scielo.br/j/er/a/77fwT3pKbjzNm35WRZPZvQz/abstract/?lang=pt#>.
- Martín, P. S. (2020). **Manual de Introdução à Ginecologia Natural**. Ginecosofia.
- Neumann, E. (2000). **O Medo do Feminino: outros ensaios sobre psicologia feminina**. São Paulo: Paulus.
- Neumann, E. (2021). **A Grande Mãe: um estudo histórico sobre os arquétipos, os simbolismos e as manifestações femininas do inconsciente**. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix.
- Owen, L. (2019). **Seu Sangue é Ouro: despertando para a sabedoria da menstruação**. Viamão: Lótus 22.
- Persdotter, J. (2020). Introducing Menstruonormativity: Toward a Complex Understanding of ‘Menstrual Monsterings’. In: BOBEL, Cris et al. *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York. 357-373. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33347180/>
- Petrolini, C. (2020). **A Lua de Alice: uma história sobre menstruação e os ciclos femininos**. São Paulo: Cortez Editora.
- Piran, N. (2020). The Menarche Journey: Embodied Connections and Disconnections. In: BOBEL, Cris et al. *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 201-214. <https://ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK565657/>

Ramos, C. J. P. de O. (2020). **A Mamãe Sangra**. Curitiba: Arte Editora.

Sala, N. C. (2020). Menstruación decolonial, *Revista de Estudos Feministas*, 28 (1).

<https://www.scielo.br/j/ref/a/sgNRqkqRgWjfv56ywQYxpp/?format=pdf&lang=es>.

Sardenberg, C. M. (1994). De Sangrias, Tabus e Poderes: a menstruação numa perspectiva sócio-antropológica. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, 2 (2), 314-344.

<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/6846>.

Sawo, M. B. (2020). Personal Narrative: Let Girls Be Girls—My Journey into Forced Womanhood. In: BOBEL, Cris et al. *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 395-407. https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-981-15-0614-7_9

Sicuteri, R. (1985). **Lilith**: a Lua Negra. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Silveira, R. M. H. & Silveira, B. R. (2016). A Doença na Literatura Infanto-Juvenil— análise de quatro obras contemporâneas. *Via Atlântica*, São Paulo, 1(29), 389-406.

<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/108001/118198>.

Stromquist, L. (2019). **A Origem do Mundo**: uma história cultural da vagina ou a vulva vs. O patriarcado. São Paulo: Quadrinhos na Cia.

Usser, J. M. & Perz, J. (2020). Resisting the Mantle of the Monstrous Feminine: Women's Construction and Experience of Premenstrual Embodiment. In: BOBEL, Cris et al. *The Palgrave Handbook of Critical Menstruation Studies*. New York, 395-407.

https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-981-15-0614-7_19

Vomero, L. S. Z. & Nery, M. P. (2023). Uterodrama: descolonizando corpo e menstruação.

Revista Brasileira Psicodrama, 31 (1023), 1-10.

<https://www.scielo.br/j/psicodrama/a/PgFRbNdWqnZSYFXTKCJxvcd/?format=pdf&lang=pt>.

Zordan, P. B. M. B. G. (2005). Bruxas: figuras de poder. *Revista de Estudos Feministas*, 13 (2), 331-341.

<https://www.scielo.br/j/ref/a/HqZwyqV5PwdyYL5Pz5bnLBG/?format=pdf&lang=pt>

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS

Autora 1 – Coordenadora do projeto, coleta e análise dos dados e escrita do texto.
Autora 2 – Participação ativa na análise dos dados e revisão da escrita final.
Autora 3 – Participação ativa na análise dos dados e revisão da escrita final.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.